

A cobertura jornalística dos ataques de 11 de setembro de 2001 pelos jornais Folha de São Paulo e O Globo: uma análise discursiva

La couverture des attentats du 11 septembre 2001 para les journaux Folha de São Paulo et O Globo: une analyse discursive

Ronney Marcos Santos¹

Resumo

A partir da Análise do Discurso de tradição francesa, este artigo se propõe a analisar o funcionamento discursivo e os efeitos de sentido presentes na cobertura jornalística dos atentados de 11 de setembro de 2001, nos EUA. Para isso, analisamos a primeira página dos jornais Folha de São Paulo e O Globo, do dia seguinte aos ataques, levando em consideração critérios analíticos capazes de identificar os fatos de linguagem presentes nos enunciados que compuseram essas páginas. Faremos uma leitura preliminar da primeira página, em que analisamos a capa em sua totalidade observando como os aspectos visuais, aliados ao verbal, conseguem construir um espaço capaz de chamar a atenção do público. É o segundo critério, é onde colocamos em prática dispositivos teóricos da AD, tais como interdiscurso (PÉCHEUX, 2009), formação discursiva (PÉCHEUX, 2009) e acontecimento discursivo (PÉCHEUX, 2012), que se configuraram como verdadeiras ferramentas de trabalho para a análise dos efeitos de sentido que emergiram das práticas discursivas da imprensa.

Palavras-chave: *Discurso. Mídia. Terrorismo. Estados Unidos*

Résumé

Basé sur l'analyse du discours de la tradition française, cet article vise à analyser le fonctionnement discursif et les effets de sens présents dans la couverture journalistique des attentats du 11 septembre 2001 aux USA. Pour cela, les premières pages des journaux Folha de São Paulo et O Globo le lendemain de l'événement ont été analysées en tenant compte de critères analytiques capables d'identifier les faits de langage présents dans les déclarations qui composaient ces pages. Tout d'abord, une lecture préliminaire de la première page, dans laquelle nous regardons les couvertures dans leur intégralité, observant comment les aspects visuels, combinés au verbal, parviennent à construire un espace capable d'attirer l'attention du public. Et le deuxième critère, c'est où l'on met en pratique des notions d'interdiscours (PÉCHEUX, 2009), de formation discursive (PÉCHEUX, 2009) et événement discursif (PÉCHEUX, 2012), qui configurés comme de véritables outils de travail pour analyse des effets de sens issus des pratiques discursives des sujets.

Mots-clés: *Discours. Médias. Terrorisme. États Unis*

Recebido em: 25/06/2020.

Aceito em: 13/03/2021.

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Sergipe. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3278-3735>.

Reflexões iniciais

O dia seguinte aos ataques de 11 de setembro foi de grande ebulição na imprensa mundial, os meios de comunicação utilizaram-se das mais diversas plataformas disponíveis para proporcionar ao leitor a cobertura do acontecimento. Os principais jornais de várias partes do mundo colocaram nas ruas edições completamente dedicadas a relatar o que havia ocorrido, com primeiras páginas compostas por imagens e manchetes que prendiam a atenção dos leitores, cada vez mais ávidos para entender o que estava acontecendo.

No Brasil, a Folha de São Paulo e O Globo, dois dos principais jornais do país, trouxeram no dia 12/09/2001 uma edição repleta de reportagens, análises, entrevistas e infográficos para informar ao leitor brasileiro com o máximo de riqueza de detalhes, por meio de correspondentes, *free-lancers* e repórteres locais, tanto em Nova York, como também em Washington. É de se destacar que a repercussão dos ataques na grande mídia brasileira, pouco se diferenciou daquela produzida nos EUA, a semelhança das primeiras páginas chama a nossa atenção, quanto ao seu estilo. E pensar sobre elas é fundamental, afinal a primeira página é a “[...] expressão imagética que primeiro impacta o leitor” (FERREIRA JUNIOR, 2003, p. 15).

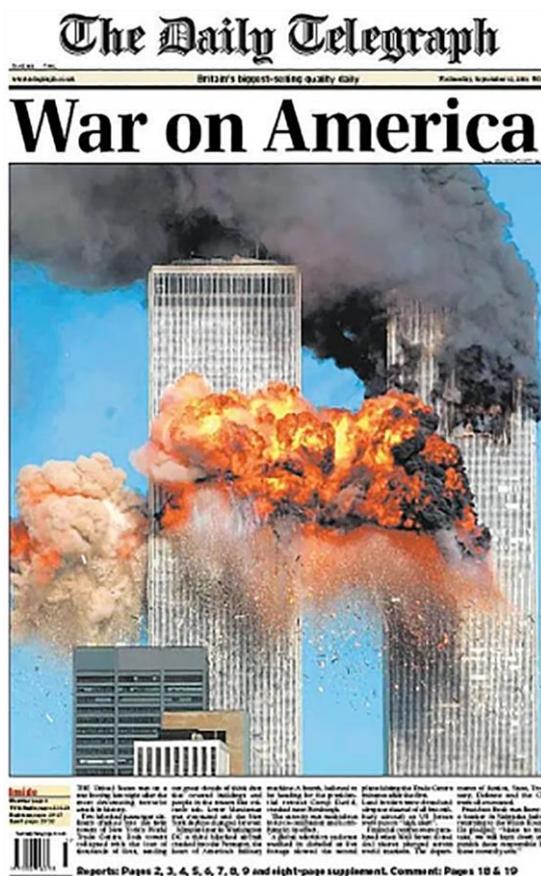
Além disso, a espetacularização do acontecimento por parte da imprensa podia ser vista pelo uso constante de imagens dos prédios em chamas, das ruas de Nova York cobertas pela fuligem, a correria das pessoas, enfim, elementos que somados aos enunciados que compunham as manchetes, iam construindo as primeiras páginas. Sobre esses elementos, Ferreira Junior (2003, p. 76) fala em um tipo específico de primeira página que carrega consigo traços dos cartazes publicitários, tanto é que o autor as denomina de capa-cartaz ou capa-pôster “nas quais aparece uma clara interface daquilo que se entende como uma primeira página de jornal e o estilo consagrado do cartaz, mais especificamente o cartaz publicitário [...]”. Abaixo, temos dois exemplos desse tipo de capa, em circulação no Brasil e no exterior (ver figura 1 e figura 2).

Figura 1: Jornal da Tarde (Brasil) do dia 12 set. 2001.



Fonte: <https://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/11-de-setembro-dez-anos-as-capas-do-dia-seguinte/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

Figura 2: Jornal The Daily Telegraph (Grã-Bretanha) do dia 12 set. 2001.



Fonte: <https://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/11-de-setembro-dez-anos-as-capas-do-dia-seguinte/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

Além do estilo dessas primeiras páginas serem semelhantes ao que é produzido na esfera publicitária, as manchetes também trouxeram semelhanças com os slogans publicitários. Muitas delas possuíam “uma fórmula concisa e marcante, facilmente repetível, polêmica e frequentemente anônima, destinada a fazer agir as massas tanto pelo seu estilo quanto pelo elemento de autojustificação, passional ou racional que ela comporta [...]” (REBOUL, 1975, p. 39). Desse modo, a circulação de sentidos oriunda das especificidades presentes nos jornais que circularam no dia seguinte ao acontecimento comparado às primeiras páginas de dias anteriores permite-nos pressupor a constituição de um sujeito pautada numa intensa relação com o outro e por aquilo que por ele é enunciado. Pois “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras” (ORLANDI, 2012, p. 32).

Posto isso, uma pergunta fundamental para a discussão e análises propostas neste trabalho é: quais as condições de produção do discurso midiático? Para alcançarmos a resposta para esse questionamento é preciso que durante o processo de análise da materialidade discursiva, passemos da superfície linguística (material bruto) para o objeto discursivo. A esse processo, Orlandi (2012) chamou de de-superficialização. Esse primeiro gesto analítico parte da compreensão do “o como se diz, quem diz, em que circunstâncias” (ORLANDI, 2012, p. 65).

Preparando a análise

Para que possamos desenvolver as análises é necessário que nossas ferramentas analíticas estejam bem claras e definidas, além de compreendermos como se dá esse processo. Para isso,

Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise do discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo trabalho (ORLANDI, 2012, p. 66-67).

O percurso analítico proposto pela autora é o ideal para desenvolvermos este trabalho, pois a proporção do acontecimento exigiu de nós um delineamento e uma imposição de limites para que pudéssemos transitar de maneira adequada pelos objetos a serem analisados. Assim, cientes das características discutidas e apresentadas até o momento, é que estabelecemos dois critérios que irão nortear as análises a seguir. O primeiro diz respeito a uma leitura preliminar do material jornalístico, ou seja, trataremos a primeira página/capa como um território, uma área escritural em que texto e imagem convergem, criando as suas especificidades. Na repercussão dos ataques de 11 de setembro ficou evidente a forte presença do discurso televisivo nas capas de jornais, ao passo que, a ênfase dada ao imagético mostra o quanto a sociedade atualmente é tomada pelas imagens.

De posse desses resultados preliminares, os fatos de linguagem serão analisados à luz das categorias analíticas já apresentadas e de outras que possam surgir unindo-se a elas, visando obter um resultado final que nos permita compreender o modo como os sujeitos e os sentidos são constituídos nesse território, a saber: as primeiras páginas/capas.

Posto isso, chegamos aos seguintes critérios para desenvolvermos as análises a seguir:

- A) Leitura preliminar da primeira página com ênfase nos modos como se organizam o verbo-visual destacando suas especificidades;
- B) Seleção e análise dos fatos de linguagem a partir das categorias discursivas.

O maior ataque da história...

- A) Leitura preliminar da primeira página: quando o verbo e o visual se encontram

Percebe-se na primeira página do jornal Folha de São Paulo (figura 3) um ordenamento no que tange a distribuição dos elementos gráfico-visuais ali presentes. As duas imagens que a compõem retratam momentos distintos do acontecimento, em que ao mesmo tempo busca-se situar o leitor no que aconteceu, mas também se vê uma espetacularização do acontecimento em questão.

Figura 3: Jornal Folha de São Paulo do dia 12 set. 2001.

“principalmente porque, antes de ser lido, o jornal é olhado” (DOUGLAS, 1966, p. 110). A opção por um corpo maior demonstra que a notícia é de grande relevância, além de proporcionar juntamente com o tipo de letra escolhido, a legibilidade da manchete que contribuirá para uma rápida leitura do conteúdo no momento da escolha de qual jornal o leitor irá comprar.

Ainda sobre os aspectos gráficos do título, destacamos o uso da caixa alta, o que podemos considerar uma exceção nessa edição, visto que, “há muito tempo que os jornais puseram de lado os títulos compostos inteiramente em maiúsculas” (DOUGLAS, 1966, p. 130). Nesse caso especificamente, a reutilização de tal formato foi própria do acontecimento, surgiu para enfatizá-lo, principalmente por ter sido a principal notícia na imprensa mundial. Por sua vez, a cor predominante foi o preto, que “confere o sentido de luto e tristeza pelo acontecimento” (MOREIRA, 2004, p. 111). Mais do que isto, “a tinta preta, sobretudo nos títulos principais, forma naturalmente focos de atenção insuperáveis” (DOUGLAS, 1966, p. 134).

Quanto a sua estrutura, destacamos o uso de duas linhas na construção do título, a esse respeito Douglas (1966, p. 50) nos diz: “tem muito valor o título que traz, na primeira linha, pelo menos um dos elementos que tornem possível a identificação instantânea da principal personagem da notícia”. Como se pode ver: “EUA SOFREM MAIOR”, visto na primeira linha, já nos informa claramente quem protagonizou e por qual motivo, a notícia. Logo, o tamanho da fonte também é parte da construção discursiva do acontecimento.

Outro ponto também salientado por Douglas (1966) é o uso do verbo e no caso da manchete que analisamos se encontra na primeira linha. Para o autor, ele “é o elemento de que dispõe o redator para atingir o objetivo. Pela sua escolha o redator dá ao título maior ou menor ênfase [...]” (DOUGLAS, 1966, p. 47). Logo, o verbo “sofrer” referindo-se aos EUA causa o impacto necessário para atrair o leitor, pois foge do comum, do habitual. Esse “sofrer” presente no título é a notícia, ou seja, o “news”, “o novo”, pois o que seria capaz de fazer “sofrer” uma nação considerada um ícone de poder e riqueza?

Acima da manchete, um retângulo vermelho onde está inscrito: “GUERRA NA AMÉRICA”. Qual o seu significado ali em termos estruturais do jornal? Em termos jornalísticos, é o tema que recobre a edição. Mas na perspectiva discursiva, os sentidos (do qual o jornalístico também faz parte) é o da grande novidade, do elemento novo que faz circular sentidos a partir da forma como é nomeado.

Outro elemento que também destacamos é o box presente na capa, intitulado “Aviso”. Onde se lê: “A Folha circula hoje com outra organização de seus cadernos e seções em razão da cobertura especial sobre o ataque terrorista aos Estados Unidos”. Evidencia-se aí, um rompimento com a estrutura padrão do jornal, em que podemos afirmar estarmos diante de um dos efeitos já provocados pelo acontecimento: a desestabilização de uma organização pré-estabelecida para a formulação de uma nova, essas rupturas são próprias do acontecimento e ocorrem todas as vezes que um fato novo desestabiliza a ordem vigente. “GUERRA NA AMÉRICA” passará a ser o marcador que indicará ao leitor que o assunto a ser tratado será “o ataque terrorista aos Estados Unidos.”. Uma nova seção que passa a se integrar as outras já existentes, como: “Dinheiro”, “Cotidiano”, “Esporte”, “Mundo” etc.

Tais seções funcionam como mecanismos que orientam a leitura, permitindo ao leitor transitar por toda área escritural composta pelo jornal, distribuídas dentro do que é chamado de índice. Acerca disso, Guimarães (2002) diz:

O índice não é uma mera indicação de onde algo está. É uma indicação que passa pelo sentido que o acontecimento construiu. Deste modo, o índice é uma instrução de como interpretar um modo de chegar à matéria, como a própria construção de algo como notícia, que para ser notícia é constituído por uma temporalidade específica (GUIMARÃES, 2002, p. 14).

Por fim, à direita, acima do bloco textual que trata da notícia principal do jornal, temos em forma de tópicos, uma espécie de extensão do título principal, adicionando-lhe mais informações. O que Douglas (1966, p. 145) chama de “olho”, sendo utilizado “para dar ideia do assunto de que trata o título, do local onde ocorreu, ou da pessoa a quem se refere o acontecimento relatado na notícia ou simplesmente para dar ao redator oportunidade de empregar mais algumas palavras”.

B) Processo de análise do funcionamento discursivo: os fatos de linguagem

“EUA sofrem o maior ataque da história”, com este enunciado compondo a sua manchete, a Folha de São Paulo colocou em circulação a sua edição do dia 12 de setembro de 2001. Um dia após o fato ocorrido, o torpor e a indeterminação dos momentos iniciais iam dando lugar a busca incessante por respostas que por mais que fossem surgindo pareciam não esgotar as inquietações oriundas daquele acontecimento. Os olhares da população estadunidense e de várias outras nações permaneciam voltados para os meios de comunicação na expectativa de novos pronunciamentos das autoridades, entrevistas, análises, enfim, qualquer nova informação.

Nesse contexto, ao afirmar que o acontecimento é o “maior ataque da história”, vê-se quanto a instância midiática é tomada por discursos outros, por uma memória discursiva que atravessa a sua produção enunciativa fazendo-a estabelecer um efeito comparativo através da rememoração de fatos similares outrora ocorridos, colocando-os numa escala cujo número de mortos é uma das principais variáveis para diferenciar o grau de importância do acontecimento. Há presente aí, todo “um sistema de ideias, de representações, que domina o espírito de um homem ou grupo social” (ALTHUSSER, 1985, p. 80). Através de fórmulas como “maior ataque x”, “maior ação x” que circularam rapidamente e conseqüentemente cristalizaram-se em meio a produção discursiva da maquinaria midiática, o acontecimento do 11 de setembro passou a carregar consigo um estatuto de notoriedade e grandiosidade

Os efeitos de sentido produzidos pelo enunciado presente na manchete da Folha de São Paulo mostram marcas do modo como os sentidos acerca dos EUA significam, um verdadeiro símbolo de poder. Face a isso, “o real é, sobredeterminado pelo imaginário; nele, os sujeitos vivem relações e representações reguladas por sistemas que controlam e vigiam a aparição dos sentidos” (ALTHUSSER, 1985, p. 98-99). Assim, a forma como o sujeito enxerga o outro e o que diz sobre ele, originam-se nas representações alimentadas por um processo de assujeitamento ideológico. Como nos diz Orlandi (2012), “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos. O indivíduo é interpelado pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2012, p. 46).

Ao enunciar - “EUA sofrem maior ataque da história” – o sujeito é tomado por uma memória que torna preponderantes diferentes aspectos que contribuíram para que os EUA signifiquem de tal maneira no imaginário dos sujeitos. Neste ponto, em que citamos a memória, convém ressaltar que ela “deve ser entendida aqui, não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 2010, p. 50). É a partir desse efeito de memória que se percebe uma historicidade que atravessa a produção discursiva desse sujeito que formula seu enunciado naquilo que Pêcheux (2012, p. 17) chama de “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. Dito de outro modo: “este ponto de encontro é onde o enunciado, proveniente na estrutura interdiscursiva pelo viés da repetição, é inscrito na estrutura do discurso do sujeito, no intradiscurso” (INDURSKY, 2003, p. 103).

Ressaltamos que esse sujeito não fala aleatoriamente tampouco da forma que quer, ele está inserido em uma determinada formação discursiva, que o domina e determina o que pode ou não ser dito. Logo, tudo aquilo que o sujeito diz, só passa a ter sentido dentro de uma formação discursiva, da mesma maneira que esse dizer poderá sofrer variações dependendo da formação discursiva de onde ele esteja falando. Portanto,

[...] as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...] diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos do seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes (PÊCHEUX, 2009, p. 147).

Falar do lugar de jornalista é assumir uma posição dentro de uma formação discursiva e agir segundo um complexo de formações ideológicas que permitem saber qual o seu papel e função na sociedade. Diante disso, o sujeito-jornalista sabe que precisa levar ao leitor todas as informações necessárias para que se possa compreender e enxergar o acontecimento sob várias perspectivas. Assim, por não ter consciência de que enuncia de dentro desses espaços que o dominam, o sujeito produz e opera os seus enunciados acreditando que os discursos por ele produzidos são seus, quando apenas retoma já-ditos que circularam em outros momentos. Sendo tomado pelo o que Pêcheux (2009) chama de esquecimento nº 1, que é da ordem da inconsciente, cujo sujeito crê ser a origem daquilo que diz.

Portanto, ao afirmar que o fato ocorrido nos EUA foi o maior quando se fala em acontecimento histórico, o sujeito-jornalista apenas reescreve o que já foi dito em um outro lugar, em outro momento através de sequências discursivas diferentes. Agir desse modo, definindo o grau de relevância de um acontecimento em detrimento de outros, faz com que o sujeito demarque um novo lugar na história que não se apaga, justamente por conta da multiplicidade de dizeres acerca dele.

...que parou o mundo

A) Leitura preliminar da primeira página: quando o verbo e o visual se encontram

“O filme é feito por milhares de fotografias, que chamamos fotogramas. Em cada fotograma, a imagem ou o objeto está numa posição ligeiramente diferente da anterior”

(RODRIGUES, 2007, p. 13). Aspecto semelhante nos provoca a primeira página do jornal O Globo (ver figura 4), composta por uma espécie de plano-sequência, como se nosso olhar assumisse a função de uma câmera deslocando-se por todo espaço cênico.

Figura 4: Jornal O Globo do dia 12 set. 2001.



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=200020010912>. Acesso em: 14 jun. 2020.

A primeira imagem (da esquerda para direita) é similar a que estampou a primeira página da Folha de São Paulo e sua legenda ratifica a informação de que se trata do choque provocado pelo segundo avião. Já a segunda nos mostra um homem que “salta para a morte”. Na sequência, “o desespero dos populares enquanto as torres vão ao chão”, tendo ao fundo uma cortina de fumaça que avançava sobre a cidade. Duas imagens menores fecham essa narrativa aos moldes, em que a primeira traz o “cenário de guerra após a explosão”, e a outra, o ataque ocorrido no Pentágono deixando-o parcialmente destruído. Por fim, próximo ao rodapé da página, sobreposta parcialmente pelos textos e fotos citados acima, um Grande Plano Geral, que nos mostra a ilha de Manhattan sob um céu negro tomado pela mistura de poeira e fumaça. O que havia restado do World Trade Center.

Para tratar textualmente do acontecimento, o jornal O Globo traz uma manchete e uma submanchete. Elas foram distribuídas harmonicamente no espaço que compõe a primeira página, uma na parte superior – onde comumente encontramos as manchetes – e o outro enunciado posto mais ao centro. “A pequena diferença do tamanho da fonte entre manchete e submanchete provoca quase uma divisão na capa.” (MOREIRA, 2004, p. 95). Abaixo da manchete, não há texto verbal, apenas sequências de imagens, diferentemente da

segunda parte da capa, em que depois da submanchete presenciamos tanto o verbal como o visual.

Quanto ao aspecto gráfico, temos títulos em tinta preta e um diferencial importante, enquanto grande parte da imprensa utilizava manchetes em caixa alta, O Globo opta por fazer uso da caixa baixa, o que por sua vez “permite ao leitor perceber as palavras sem que tenha necessidade de fixar todas as letras [...] o que não ocorre com o título em caixa alta” (DOUGLAS, 1966, p. 131). Ao contrário da Folha de São Paulo, o jornal do Rio de Janeiro apresenta a notícia ao leitor em títulos compostos por apenas uma linha. Já o verbo tem a mesma função em ambos os jornais, enfatizar o enunciado. Em “pára”, o verbo deixa evidente a dimensão do acontecimento e como os sujeitos foram por ele tomados. Já, “fala”, leva-nos a perguntar de quem é a voz, quem está falando ali através do jornalista. O que logo sabemos, pois quem havia enunciado é apontado ainda no título: o então presidente Bush.

Esses são tipos peculiares de títulos e que Douglas (1966) chama-nos a atenção, pois são as palavras de outra pessoa, no caso o porta-voz dos EUA que fala ali. Assim, o “título deve indicar claramente que alguém é responsável pela declaração” (DOUGLAS, 1966, p. 33). Ao passo que, sua estrutura deve seguir algumas regras, “ou se menciona o nome da pessoa, ou se ela não é suficientemente conhecida para justificar a referência, coloca-se um verbo que não deixa dúvidas quanto ao fato de que a declaração foi feita por outrem que não o jornal” (DOUGLAS, 1966, p. 33). Abaixo da submanchete “Bush fala em milhares de mortos”, o jornal traz um “olho” ou antetítulo, cujas características já tratamos anteriormente, mas que neste caso diferencia-se do formato topicalizado utilizado pela Folha de São Paulo. Aqui, ele é posto em apenas uma linha, acrescentando mais algumas informações ao enunciado principal.

Antes de finalizar este primeiro critério analítico, salientamos mais um elemento presente na primeira página, uma materialidade verbo-visual que opera efeitos de memória, produzindo, assim, múltiplos sentidos. Referimo-nos a charge do cartunista Chico Caruso. Com cores fortes e borradas – numa paleta que mistura fogo, fumaça e sangue – o cartunista retrata o acontecimento. No lado direito do desenho, um avião segue em direção a um enunciado que vem de outro lugar, do discurso cinematográfico, sofrendo, por sua vez, um deslizamento de sentidos.

É o discurso cinematográfico que traz consigo sentidos que apontam para um desfecho trágico, apocalíptico, cujos espectadores estavam tão habituados a verem ao final de filmes, em salas de cinema ou nas TV’s. E como nos diz Gregolin (2003, p. 9) acerca do acontecimento 11/9: “A cena era familiar pois já tínhamos visto, inúmeras vezes, nas telas, em superproduções americanas [...] incontáveis vezes repetida, cristalizou-se no instantâneo de nossas retinas, como parte do espetáculo que, passado o espanto, grudou-se no cotidiano”.

B) Processo de análise do funcionamento discursivo: os fatos de linguagem

Como vimos o jornal O Globo faz uso de uma manchete e uma submanchete em sua primeira página, em que cada uma delas nos permitirá abrir nossas análises em duas frentes. Dessa maneira, para melhor apresentação das análises, trazemos outra vez os enunciados separadamente:

(a) Terror suicida pára o mundo.

(b) Bush fala em milhares de mortos.

Em (a), “terror” torna a aparecer, afinal cristalizou-se através do acontecimento, circulando na sociedade e, além disso, tornando evidente a capacidade dos meios de comunicação norte-americanos em propagá-los nos jornais de vários países. Essa recorrência é um fato de linguagem, que nos apresenta o caráter repetível de um enunciado. A repetição do uso da palavra “terror” e as suas derivações nos faz observar “que a repetição aponta para dimensão do quanto falamos o que os outros falam. Nesse caso, somos os outros também. Ou seja, um sujeito social e histórico constituído em condições materiais específicas de produção do discurso” (BERNARDO-SANTOS, 2009, p. 83).

Sinônimos, paráfrases, entre outras estratégias discursivas presentes nos discursos dos sujeitos, revelam para nós a presença dos já-ditos. E Pêcheux (2009, p. 161) já nos alertava acerca disso quando apresentou a noção de esquecimento nº 2, “pelo qual todo sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase”. Ao “selecionar” a fórmula “terror suicida” para construir o enunciado, dá-se início a uma mobilização de dizeres que o sujeito acredita ser a origem, pois se encontra tomado pelo esquecimento nº 1, do qual já falamos e que diz respeito à ilusão do sujeito em achar que é a origem daquilo que ele enuncia. Há um assujeitamento ideológico operando aí, afinal, “o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia” (ORLANDI, 2012, p. 38).

Portanto, temos o percurso feito pelo enunciado dentro de um processo discursivo que perpassa o sujeito, e este, por sua vez, de posse dele, começa a operá-lo dentro de uma esfera de reformulação constante, produzindo através da repetição efeitos de sentido que passam a circular na sociedade. Vale destacar também que a palavra “terror”, “selecionada” pelo sujeito, vem predicado, ou seja, não é qualquer “terror”. É um “terror suicida”.

O enunciado “pára o mundo” mexe nas redes de sentido, e traz mais uma vez a construção do real para o bojo de nossa discussão. Temos operando aí um sentido histórico também, mas de modo diferente da Folha de São Paulo. O “parar o mundo” aqui é uma construção discursiva que se refere aos EUA, é da ordem da constituição desse sujeito, ou seja, os EUA enquanto potência econômica e bélica. São os sentidos que essa nação produz nas formações imaginárias dos sujeitos e que vem pela história.

Além disso, o jornal voltou-se para o efeito instantâneo do acontecimento: todos pararam para testemunhar as torres em chamas. Essa “aparente instantaneidade da mídia interpela incessantemente o leitor através de textos verbais e não-verbais, compondo o movimento da história presente por meio da re-significação de sentidos enraizados no passado” (GREGOLIN, 2003, p. 105). Dito de outro modo: aquilo que parece imediato na produção discursiva midiática, é na verdade fruto de processos de re-significação de sentidos que se cristalizaram na memória coletiva. Portanto, “o maior ataque da história” (Folha de São Paulo) e “pára o mundo” (O Globo) são apenas diferentes modos de significar a mesma coisa: a hegemonia norte-americana. Portanto, considerando que os enunciados “recortam” ou significam totalidades, em “o mundo” e “d’a história”, os artigos definidos acabam por implementar esse funcionamento.

Tudo isso contribuiu para a fabricação de um real que vem pela ideologia. Não são os sujeitos quem narram como vimos, eles repetem aquilo que vem do já-dito em outros lugares, circunstâncias e momentos. O mundo não parou e a hipérbole do enunciado apenas atesta toda a nossa discussão anterior sobre a imagem dos EUA. De fato, o que houve foi apenas um choque momentâneo, efeito da proporção do acontecimento, da destituição de uma aura imponente. Face a isso, um breve torpor tomou àqueles que testemunharam o espetáculo midiático sobre o ocorrido com as Torres Gêmeas e o Pentágono.

Essa “vulnerabilidade” é um efeito discursivo do poder que ultrapassa em muito o real que entra em contradição com o impensável, por isso o choque. Mesmo tendo sido muitas vezes visto e pensado por aqueles sujeitos, mas apenas enquanto ficção. Um espetáculo que representa “a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação total da vida real” (DEBORD, 1997, p. 138).

Em (b), temos o reflexo desse momento. “Bush fala em milhares de mortos” é parte das indeterminações e incertezas dos momentos iniciais quando ainda não se sabia a dimensão do acontecimento e ao mesmo tempo trabalha a construção do acontecimento enquanto histórico. Além disso, temos neste ato de enunciação a fala de um outro. Uma estratégia discursiva que dará ao enunciado dito um estatuto de confiabilidade e verossimilhança, advindo da posição assumida por esse outro: a de presidente do país. É o “discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro” (PÊCHEUX, 2010, p. 33). Assim, estamos diante da heterogeneidade discursiva, na “insistência desse ‘além’ interdiscursivo que vem [...] (nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa)” (PÊCHEUX, 2010, p. 313).

A noção de heterogeneidade discursiva, trabalhada por Authier-Revuz (2004, p. 12), fala em formas explícitas de heterogeneidade, ou seja, “no fio do discurso que, real e materialmente, um locutor único produz, um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade o outro”. Dito de outro modo: no discurso relatado, seja ele apresentado na forma de discurso indireto ou discurso direto, apresentará outro ato de enunciação. “Bush fala em milhares de mortos” exemplifica essa heterogeneidade explícita, mostrada, da qual falamos acima e que nos permite detectar no fio do discurso a presença de outro discurso, afinal, é próprio do discurso jornalístico trazer a fala do outro.

Além dessa heterogeneidade mostrada, temos a constitutiva e esta, por sua vez, nos faz retomar o interdiscurso – aquilo que foi dito em um momento anterior, em outros lugares e contextos – portanto conclui-se que: Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O Outro não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69).

Considerações finais

Não se parou de falar do acontecimento do 11 de setembro, mesmo depois de quase 20 anos que ele ocorreu. Ele funciona como um processo contínuo e marcado pela novidade, afinal, a cada 11 de setembro nos deparamos com o acontecimento e a sua capacidade de instaurar novos processos discursivos midiáticos e conseqüentemente novas redes de sentido. Ou seja, a sua temporalidade contribui para que não se esgote enquanto notícia. E o que é notícia, a não ser o “news”, o “novo”? Logo, os enunciados que surgem com o passar do tempo passam a renovar aquilo que já foi dito, ao mesmo tempo em que também mantém relações com ele, no confronto contínuo entre uma atualidade e uma memória.

Ao analisar a cobertura jornalística do acontecimento do 11 de setembro de 2001 por parte de dois dos principais jornais brasileiros, foi possível ver o quanto as incertezas e indeterminações que orbitaram o acontecimento suscitaram diversos enunciados que em sua maioria assemelhavam-se ao que era dito lá fora, na imprensa internacional, principalmente a imprensa norte-americana. Estes se preocuparam com a contabilização dos estragos e o número de vítimas, além de alimentar a polarização e o maniqueísmo entre Ocidente e Oriente levando a diversas interpretações, muitas vezes distorcidas. Era preciso um compromisso em informar o que de fato ocorria, entretanto, a imprensa enquanto parte constitutiva do processo discursivo, torna-se uma mola propulsora de propagandas ideológicas em defesa de uma chamada “Guerra ao terror” instaurada pelo então governo Bush.

O modo como 11 de setembro foi trabalhado pela maquinaria midiática apossou-se de um lugar, no qual tudo o que existiu até ali fosse apagado, constituindo, assim, efeitos do “september eleven”. Um silenciamento, o dizer “x” para não dizer “y”, “por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma ‘outra’ formação discursiva, uma ‘outra’ região de sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 74). Esse acontecimento que se apossa de um lugar silencia qualquer outro antes e depois dele. Não há espaços para dizeres que remetam a antigos e/ou novos fatos históricos que ocorreram ou venham a ocorrer.

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1985.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BERNARDO-SANTOS, W. J. **Introdução às Teorias do Discurso**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

COURTINE, J.J. **Os deslizamentos do espetáculo político**. In: GREGOLIN, M. R. São Carlos: Claraluz, 2003.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOUGLAS, J. **Jornalismo**: a técnica do título. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1966.

FERREIRA JUNIOR, J. **Capas de jornal**: a primeira imagem e o espaço gráfico visual. São Paulo: Ed. SENAC, 2003.

GREGOLIN, M. R. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

INDURSKY, F. **Lula lá**: estrutura e acontecimento. Organon (UFRGS), Porto Alegre, v. 17, n° 35, p. 101-121, 2003.

MOREIRA, D. J. **11 de setembro de 2001**: construção de uma catástrofe nas primeiras páginas de jornais impressos. 2004. 122 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 10ª ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2012.

REBOUL, O. **O slogan**. São Paulo: Cultrix, 1975.

RODRIGUES, C. **O cinema e a produção**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.